

EPÍSTOLA PARA UM CISNE

Cisne, que não conheces na água o teu reflexo verde
quando sob o teu corpo é dia e o sol afaga quedo
ou quando do teu porte há a sombra negra igual
a tudo o que está negro, e é noite, e abandono e medo.
Nem concebes o amor, nem Leda, nem sequer eu mesma
que te amo no poema e temo o canto imaginado
que não cantaste agora ou não ouvi, de madrugada
quando a minha mãe morta era somente insone.
Nunca viste a beleza, nem a vida e os lábios
que sopram as primeiras e últimas palavras, ou
o hálito que sai sem voz da dor mais desolada.
Nem a doença, a morte e os olhos sem imagens
do ar e das cores várias viste em que tu vogas branco.
É falso que celebres sozinho a tua morte e o fim,
se não sabes que só o teu outro cisne se perde.
Mas quando vi insone e logo morta a minha mãe
estou certa de que a cega, a muda, falsa ave cantou.

EPÍSTOLA PARA A SIRENE DE UM BARCO

Estou aqui nesta margem límpida a escutar
barcos que passam a Barra noutro verso que é
estar aqui na margem nublada a escutar barcos.
O barco dos pilotos vai adiante entre os baixios,
responde com um agudo som picado ao som mais grave
de tantos barcos que eu oiço entrar a Barra.
Mas estou aqui, com a janela de par em par aberta
para o ar tão fino, tão claro, da manhã soalhenta,
a escutar, nesta margem, que havia barcos na Barra
por arte dos pilotos indo nas manhãs nubladas.

EPÍSTOLA PARA UMA NINHADA DE GATOS

Chamo-te Negro e a ti Ruço e a ti chamo-te Pérola.
Tais sobressaltos têm, parecem temer a vida,
até lhes vir do Alto o beijo do amor, elástico,
fosforescente de olhos, com as tetas da abundância.
Anéis de tacto puro, e liberdade eufórica,
sob o beijo da espécie. Depois, ficam sós,
e novamente os medos, ciladas, os meus mitos
temendo, perdem forças nesse corpo-a-corpo.
Negro, vi a tesoura cortar o teu fio na roca!
Só o Ruço e a Pérola hoje esperam Deus e o beijo.

MEMORANDO PARA UMA ANTIGA CRIANÇA, MEU FILHO

Não há que evitar o nada, tanto mais
que o nada não pode ser evitado.
Se amas o diospireiro com os seus frutos sorvados
dulcíssimos, Criança, após o prazer sossega
o teu desejo e vê, depois de alguns anos joviais,
que o nada chegou. Mas não vem só, porque ele traz
consigo os seus fecundos restos, que vão saciar-nos
como somente os pães e o vinho saciavam antes.
A multiplicidade está a ser-te oferecida,
olha um grão e outro grão, ainda um aroma, Criança.
Sim, o nada é demais, que não o abarques na infância.

MEMORANDO PARA OUTRO GUIA DE DANTE

Não é um canavial entre alguns canaviais, no campo,
é um canavial que conduz ao mar o longo atalho.
Nesta extremidade, o Sol mantém a pique as sombras.
Percorrendo o caminho, o Sol alarga-o, a meio,
tombando com fragor as canas secas devastadas
pela luta da luz contra o anoitecer que vem.
Depois, além, já vês que o canavial estremece
e baloiça e vence a dureza do Sol extremo,
curvado pela brisa e esbatido pela névoa
que só é possível serem do mar, no fim do atalho.